

## **PREVALÊNCIA E CARACTERÍSTICAS DE BULLYING EM ALUNOS DE 1ª À 8ª SÉRIES**

**MATOS, Mariana Bonati<sup>1'2</sup>; DIAS, Natália Costa<sup>1'3</sup>**

***Universidade Federal de Pelotas***

***1-Projeto Para Aprender Melhor – Universidade Federal de Pelotas***

***2-marianabonati@hotmail.com***

***3-nataliacostadias@hotmail.com***

**MOURA, Danilo Rolim**

***Universidade Federal de Pelotas***

### **1 INTRODUÇÃO**

Um estudante é considerado vítima de bullying quando é repetidamente exposto a ações negativas de parte de um ou mais estudantes. Estas ações negativas podem se dar na forma de contato físico, abuso verbal, ou com expressões ou gestos rudes. Espalhar rumores e excluir a vítima de um grupo também são formas comuns de violência. Bullying implica em um desequilíbrio de força entre o ameaçador e a vítima, o que caracteriza uma relação de poder assimétrica<sup>1</sup>. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima<sup>2</sup>.

As vítimas, freqüentemente, têm um sentimento de insegurança que os impede de solicitar ajuda. Fazem poucas amizades, são passivos, e não reagem aos atos de agressividade. Muitos passam a ter prejuízos no seu desempenho escolar, recusam-se a ir para a escola, e às vezes simulam doenças. Não raro trocam de colégio ou abandonam os estudos<sup>2</sup>.

O bullying é uma prática encontrada em todas as culturas<sup>3</sup> que acaba acarretando sofrimento psíquico, diminuição da auto-estima, isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico.

Este estudo teve como objetivo descrever a prevalência e as características de bullying em duas escolas públicas de um bairro de classe média baixa em Pelotas, RS/Brasil.

### **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

Este estudo foi realizado com 1075 estudantes, da primeira a oitava série, de duas escolas públicas de ensino fundamental do bairro Fragata de Pelotas, uma municipal e outra estadual. Foram realizadas entrevistas

domiciliares, por entrevistadoras treinadas e supervisionadas por dois epidemiologistas. Os estudantes responderam ao questionário KIDSCAPE, utilizado pela instituição inglesa de mesmo nome para identificação de bullying<sup>4</sup>. Para a definição do desfecho foi utilizada a questão que identifica quantas vezes o sujeito sofreu algum tipo de intimidação sendo considerado bullying, quando aconteceu mais de uma vez no último mês. A idade foi categorizada entre 5 e 8 anos; 9 e 11 anos; e 12 e 18 anos. Em relação ao local onde aconteceu foram considerados: indo ou vindo da escola; no pátio; nos banheiros da escola; na sala de aula; no refeitório da escola; ou em outro lugar. Quanto às conseqüências foram classificadas em: não teve conseqüências; algumas conseqüências ruins; terríveis conseqüências; e fez você mudar de escola. O tipo de vitimização foi classificado em: físico; verbal; emocional; sexual; ou racista. Por fim foi perguntado se já intimidou, agrediu ou assediou alguém.

Foram calculadas as Razões de Prevalência com intervalo de confiança de 95%. Os dados foram digitados no programa EPI-INFO, com dupla entrada e a análise ajustada foi realizada no Stata 9.

Todos os responsáveis pelos alunos assinaram um termo de consentimento livre e informado, manifestando sua concordância em participar do estudo, e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFPEL, sob o protocolo 093/09.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Por não existir diferença estatisticamente significativa entre as duas escolas, foi considerado para efeito da análise a soma dos alunos das escolas, num total de 1075 estudantes. A prevalência de estudantes que sofreram bullying foi de 17,6%.

Dos alunos que sofreram bullying na escola, 109 (34,7%) foram intimidados nos últimos 30 dias da data da entrevista e 23 (7,3%) quase todos os dias. A maioria das agressões aconteceu no pátio da escola (55,1%) e como conseqüência, 45 alunos (14,4%) não quiseram mais ir à escola. Quanto ao tipo de intimidação, 75,1% foram verbais, 62,4% físicas, 23,8% emocional, 6,3% racista e 1,1% sexual.

Os agressores eram em sua maioria meninos (69,4%) e 17,2 % revelaram já ter intimidado alguém na escola. Dentre as vítimas, 47,1% também provocavam bullying.

A prevalência de 17,6% encontrada em nossas escolas está próxima das encontradas em estudos realizados em outros países e no Brasil. Nos estudos pioneiros de Olweus, em torno de 15% dos estudantes suecos estavam envolvidos como vítimas ou provocadores de bullying<sup>4</sup>.

Um estudo realizado em 2002, com 5875 estudantes de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, revelou que 16,9% dos estudantes sofreram bullying<sup>2</sup>. Estes achados reforçam o caráter universal do problema, entretanto uma limitação deste tipo de comparação pode decorrer

das diferentes definições de bullying<sup>5</sup>. A maior prevalência de bullying entre os meninos é compatível com outras investigações<sup>6-7</sup>.

#### **4 CONCLUSÕES**

Este estudo identificou uma alta prevalência de bullying. É possível sugerir que não há uma separação absoluta entre provocadores e vítimas. Para o melhor entendimento da violência no Brasil, são necessários estudos sobre a história natural dos transtornos de comportamento disruptivos, e se no seu curso, há algum período de janela em que os comportamentos possam ser mais, facilmente, modificados. A escola, possivelmente, seja o principal cenário em que estes comportamentos se explicitem, e que possam ser alvos de políticas de prevenção em todos os níveis. Entretanto são necessárias políticas públicas, explícitas e abrangentes, para o atendimento deste tipo de problema.

#### **5 REFERÊNCIAS**

1. OLWEUS D. Bullying at school: tackling the problem. Observer 225; 2001.
2. Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. (Accessed at [www.bullying.com.br/BPrograma11.htm](http://www.bullying.com.br/BPrograma11.htm).)
3. DUE P, HOLSTEIN BE, LYNCH J, et al. Bullying and symptoms among school-aged children: international comparative cross sectional study in 28 countries. European journal of public health 15(2):128-32; 2005.
4. Kidscape: preventing bullying-protectin children. (Accessed at <http://www.kidscape.org.uk/>.)
5. SOLBERGN M, OLWEUS D. Prevalence Estimation of School Bullying With the Olweus Bully/Victim Questionnaire. Aggressive Behavior 29:239-68; 2003.
6. GARCIA, Contiente. Factores relacionados con el acoso escolar(bullying) en lo sadolescentes de Barcelona. GacSanit, in press; 2009.
7. SEALS D, YOUNG J. Bullying and victimization: prevalence and relationship to gender, grade level, ethnicity, self-esteem, and depression. Adolescence 38(152):735-47; 2003.